



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

IGREJA, FAMÍLIA E ESCOLA: REDES SOCIAIS INTERLIGADAS PELAS CRIANÇAS?

Karla Jeniffer Rodrigues Mendonça

Universidade Federal da Paraíba

Karla-pessoa@hotmail.com

Resumo

Este trabalho reflete sobre a religiosidade no espaço escolar apresentada pelas crianças, participantes de uma turma de 4º ano no ensino fundamental I em uma Escola Pública de João Pessoa, baseando-se nos pressupostos da educação intercultural, da sociologia da infância e da antropologia da criança, em que partindo de questionamentos e colocações por elas apresentados em algumas práticas pedagógicas, pode-se desenvolver, através da observação participante e atividades interdisciplinares culturais, momentos em que as crianças protagonistas no processo puderam expressar os significados religiosos socialmente internalizados e suas leituras de mundo em relação ao contexto social vivenciado nos espaços educacionais: escola, família e igreja, que por elas são interligados como uma rede, procurando de maneira curiosa e analítica, compreender a diversidade social e conceitual ao seu redor dentro das relações inter e intrageracionais. Em tempos de discussões sobre a laicidade e a pertinência ou não do ensino religioso no ensino fundamental, as crianças enquanto sujeitos sociais trazem constantemente indagações e relatos sobre sua vida religiosa, e assim apresentam relações com a educação formal na escola pública, em um contexto de aprendizagem que afirma a diversidade e a alteridade das mesmas.

Palavras- Chaves: Criança, Sociedade, Religião, Escola.

INTRODUÇÃO

Este trabalho envolve o contexto educacional público na perspectiva em que a criança é agente social neste espaço e assim foi percebida durante a pesquisa, estudo que foi baseado nos pressupostos da educação intercultural, da sociologia da infância e da antropologia da criança, apresentando análises frente aos conhecimentos, aos significados, a sociedade e suas instituições, refletidos, criados e recriados pelas crianças e adultos na escola, visibilizando assim as diversidades vividas.

A partir da modernização imperativa da sociedade, a “infância urbana” teve reduzido o acesso às diferentes convivências, por conta da preservação da sua segurança e controle educacional assegurado pela família e instituições sociais, as crianças neste período de vida e contexto são consideradas comumente pela sociedade como indivíduos com um devir a ser



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

protegido e desenvolvido para um futuro promissor. SOUSA (2012,p.5) reforça “A infância é um construto cultural sendo a sua vivência determinada por diferentes fatores que sofrem alterações de lugar para lugar.”

Perceber as crianças no período geracional da infância, como um ser social, antes de ser aluno, com suas relações inter e intrageracional, é um desafio para a educação e é o trajeto científico que a Sociologia da Infância propõe (DELGADO; MULLER, 2006). Não se pode recusar a ideia de que a escola pública é interligada com outras instituições cujos sujeitos pertencentes à infância frequentam, e que enquanto sujeitos de suas ações, vão construindo conhecimentos e socializando-se, em um constante movimento e com particularidades que se diferenciam de acordo com o contexto social.

Dentre eles, destacam-se as vivências e percepções ligadas à religiosidade apresentadas pelas crianças que podem se expressar nas relações entre o adulto (o professor, funcionários da escola e os membros da família) e a criança (estudante e indivíduo a ser cuidado, orientado e protegido pela família e pela escola); bem como pode ser observado em diálogos na relação entre as crianças. Muitos educadores defendem que a escola deva se apresentar como laica, a partir de que pertencente à um Estado que se considera laico deparando-se com a Constituição de 1988 (art. 5, VI ; art. 19, I) que se posiciona em relação à liberdade religiosa, do direito à diversidade de vivência de cultos, e o ensino religioso ser facultativo (art. 210, § 1), observa-se que no contexto das repartições públicas como a escola, revela-se um ambiente em que essa laicidade não é uma prática sociopedagógica, pois mesmo não envolvidos nas aulas de ensino religioso, as crianças e os adultos cotidianamente expressam suas especificidades religiosas.

Partindo desta observação como objetivo geral deste trabalho, procuro entender como as crianças na escola pública afirmam a sua alteridade, assumindo o papel de sujeitos sociais a partir do que significam dentro de suas vivências religiosas expressadas na escola nas relações intra e intergeracionais, revelando-se sujeitos produtores de cultura e significados. Considera-se toda a complexidade própria desta geração, do contexto social religioso e educacional que pode ser identificado, fazendo uma reflexão entre as discussões sobre a laicidade da escola pública e o respeito à diversidade social, educacional e cultural pelas crianças expressadas.

Assim foram realizadas análises e descrições a respeito das leituras e das aprendizagens desenvolvidas pelas crianças a partir de suas vivências diante dos conceitos e dos contextos religiosos presentes no cotidiano escolar durante as relações sociais e da prática pedagógica neste período de trabalho. Reconhecendo no espaço educacional situações de diálogos em que a criança se mostra ativa na expressão da sua religiosidade, procurou-se



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

perceber como por elas é definida e o contexto em que foi expressada, levando-se em consideração a sua alteridade.

Verificou-se se estas expressões e vivências religiosas se relacionam com a compreensão do conhecimento formal, e como compreendem as linguagens e posturas religiosas diante do contexto socializador e educacional da escola, estando atento ao fato da criança ser sujeito de sua socialização e aprendizagem, em constante relação não só com outros sujeitos, mas também com os elementos não-humanos que participam das relações sociais como os objetos, cartazes e até seres considerados divinos, espirituais e sagrados.

METODOLOGIA

Baseando-se nos estudos referentes a educação pública intercultural, a laicidade e o contexto religioso na educação, sobre a sociologia da infância e da antropologia da criança, este trabalho foi desenvolvido em uma escola pública em que atuo de educação infantil e ensino fundamental I (1º ao 5º ano) na periferia de João Pessoa, em uma turma de 4º ano do ensino fundamental contando com 20 alunos frequentando efetivamente, na qual observei algumas indagações e colocações das crianças em relação ao contexto religioso presente na escola e de suas vivências com a família e igreja.

Vivências religiosas sempre se fazem muito presentes nos relatos das crianças, porém questionamentos mais significativos surgiram a partir de um conto apresentado em uma das rodas de leitura, que envolviam concepções do sagrado religioso da cultura indígena intitulado Karu Taru, sendo o personagem uma criança, estava preocupado com seu futuro pois seria designado a ser o próximo pajé, o que trouxe diferentes visões por parte das crianças a respeito dos símbolos e sentidos após a contação da história. Após esta prática, houve a implementação de um projeto envolvendo o Estatuto da Criança e do Adolescente por parte da equipe pedagógica, em que o direito a igualdade sem distinção de raça, religião ou nacionalidade foi ressaltado. Nesta ocasião, conceitos e significados em relação às diferenças religiosas foram pelas crianças levantadas.

Portanto para dar continuidade às reflexões que partiram dos argumentos curiosos por parte da turma frente ao contexto religioso da sociedade que participam e ou que desconhecem, realizou-se este trabalho com duração de 6 semanas, que de maneira interdisciplinar foram contextualizadas atividades e diálogos, sem que o tema tivesse sido apresentado de maneira formal.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Alguns outros contos presentes em livros da literatura infantil de editoras consideradas laicas foram apresentados: O Fogo de Deus, O Segredo da Chuva, O pescador, o anel e o rei, O maluco do céu, A origem do mundo, Aguemon; que apresentam culturas que vão desde africanas à cultura antiga dos povos da Mesopotâmia, da Grécia, e ainda a cultura indígena e a cultura cristã brasileira; trazendo significados religiosos em sua diversidade. Este processo valorizou e analisou a representação das crianças, como leem o mundo frente ao sagrado, como os compreendem a partir de sua cultura religiosa, e o quanto a educação e as aprendizagens do mundo religioso fazem parte destes sujeitos. As rodas de diálogos foram desenvolvidas a partir destas atividades, pois ao serem questionadas sobre os significados e como compreenderam a partir destes contos as informações neles contidas, observou-se as identidades e suas leituras religiosas que vivenciam em sua comunidade.

O livro didático de história do Brasil também foi analisado a partir das reflexões das crianças, observou-se seus questionamentos sobre o material, o qual apresenta dados históricos e diversos textos que trazem o contexto religioso presente na construção da nossa história e da nossa cultura brasileira, como as festas e feriados religiosos que são muito utilizados como conteúdo escolar e trabalhos pedagógicos na escola, o São João, a Páscoa, o natal, por exemplo.

As atividades e a observação participativa direcionadas às crianças 4º ano (9 a 11 anos) se desenvolveram realizando um comparativo frente às diferentes percepções do grupo em relação aos espaços religiosos que frequentam, a definição do significado de religião, qual a sua relação com o que vivenciam na escola, e como expressam suas aprendizagens e significados sobre o tema em questão, e se demonstram perceber os significados religiosos no espaço escolar. Para este trabalho além da apresentação de contos através da contação de histórias, do livro didático e da ênfase no discurso oral, realizaram-se registros de textos e desenhos que interligados com a prática pedagógica, levaram a ser possível observar como as crianças também expressam suas percepções frente ao contexto religioso e suas significações concretizando em imagens e palavras.

DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

Durante a aplicação deste projeto as crianças afirmaram suas interpretações religiosas, a partir de suas vivências, e apresentaram o que consideram sagrado. Revelaram também como elas compreendem, duvidam e questionam com criticidade estes universos sagrados, procurando explicar os fatos misteriosos e curiosos do mundo. Surgiram ainda termos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pejorativos e estranhamentos expressados individualmente, muito associado com o que internalizaram das suas relações intergeracionais em sociedade, seguindo abaixo alguns deste relatos e informações analisadas que foram trazidas pelos sujeitos cooperadores deste trabalho.

Através dos contos pode-se perceber imediatamente os conceitos sagrados presentes nestas histórias serem questionados pelas crianças, apresentando indagações como: “na realidade não foi assim que aconteceu” discordando das informações do conto, “eu não acredito que aconteceu desse jeito, por que na bíblia diz diferente”, ao se depararem com questões como a origem do mundo e dos elementos naturais das culturas gregas, indígenas e africanas; o que provocou conflitos de como compreendem estas questões, até mesmo por que uma criança levantou explicação não religiosa sobre o assunto, porém ao final afirmou que a vida existe por conta de um trabalho divino.

Durante uma das rodas de diálogos realizadas após uma das contações de histórias, eles apresentaram as suas religiões classificando-as como: 7 crianças católicas, 9 evangélicas, 1 mórmon e 5 que não classificou sua religião, mas afirmaram frequentar uma igreja; nesta situação uma criança pediu ajuda à professora para tentar identificá-la apresentando-lhe elementos do espaço que frequenta: “vou em um lugar chamado capela, tem cruz, bancos, fotos de Jesus, que religião que eu sou professora?” Relataram que religião é relacionada a igreja frequentada, é “acreditar em Deus”.

Neste contexto, as crianças iniciaram uma conversa sobre como cada religião é a partir do entendimento deles, incluindo vivências com os adultos da família. Um dos momentos interessantes aconteceu quando uma criança disse: “eu sei que os católicos não acreditam em Deus, porque eles adoram imagens”, a outra criança disse: “fui com minha tia na igreja dela, que tem um monte de imagens, acho que ela é católica; fui lá porque eles juntam roupas para dar às pessoas que moram nas ruas; eu achei legal, e isso não quer dizer que ela não acredita em Deus, cada um acredita do seu jeito!”; outra criança disse, “pois é! minha igreja é católica e eu acredito em Deus!”. Vê-se que eles reconhecem algumas características das igrejas, principalmente evangélica (apesar da diversidade de nomes das igrejas, as crianças assim definem os que elas chamam de crentes ou protestantes) e católica, interpretam o que vivenciam com a família, mas em meio ao diálogo se interessaram bastante pelos relatos que trouxeram outra perspectiva sobre o assunto.

Em uma aula de ciências, utilizando o livro didático, observaram a imagem de planetas, do sistema solar, dos mapas, e se preparavam com várias produções à respeito do planeta Terra, e em meio ao conteúdo foi contado através de vídeo a teoria científica do Big



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Bang. Em outro momento, a professora contou as histórias: Aguemon e A origem do mundo, baseadas nas culturas africana e grega respectivamente, e durante a roda de leitura da história “Aguemon”, algumas crianças interferiram com interpretações bíblicas sobre o surgimento dos seres humanos; muito se conversou sobre racismo ao observarem os personagens; mostraram desconhecer o significado da palavra “Orixás”, e de acordo com a história indagaram se Olorum criou o povo africano, pois assim interpretaram o final da história; comentaram ainda sobre uma novela em que os africanos escravizados iam em uma igreja, mas que não tinha os Orixás (Escrava mãe – Rede Record). Na história grega “A origem do mundo”, eles ficaram surpresos com a variedade de Deuses e seres que não conheciam, principalmente ao visualizarem as imagens, porém pouco interagiram com a história.

Após a roda de conversa sobre as histórias, realizou-se a atividade intitulada: o mundo começou assim. Observou-se que a maioria das crianças sustentaram a ideia de que o mundo foi obra de Deus (figura 1), algumas delas desenharam e relataram explicações com algum fundamento científico, porém por vontade de Deus (figura2), e outras duas desenharam com ideias relacionadas aos contos apresentados (figura 3), sendo que esta criança representou a participação de vários deuses na criação do mundo.



Portanto referente a este assunto as crianças em sua maioria mostravam conhecer a versão religiosa cristã sobre a origem do mundo, e reforçam esta explicação relatando que aprenderam em livros com histórias bíblicas e nas igrejas. Uma das crianças ao final particularmente, veio perguntar “quem surgiu primeiro os dinossauros ou os camaleões?”, ao ficar refletindo sobre a história Aguemon, pois esta apresenta que o povo africano acredita que os camaleões (Aguemon) estavam presentes quando a Terra foi criada; outra crianças perguntou se os camaleões eram imortais para estarem presentes no planeta desde a criação. A partir destes questionamentos observa-se o interesse por explicações científicas, recorrendo a professora como fonte deste conhecimento.

Algumas situações foram levantadas pelas próprias crianças, uma delas trouxe à escola uma bíblia em quadrinhos despertando o interesse das crianças pelo material, e ainda a curiosidade de perguntar se na biblioteca da escola tinham bíblias. Durante uma conversa informal foi observado o relato sobre a importância da Bíblia como um livro que conta uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

história real, e que sua função e da igreja é “ensinar as pessoas a serem boas”; ao serem perguntados se só a Bíblia e a igreja ensinam “coisas boas”(atitudes e normas de boa convivência, normas e valores ético- morais) , eles relataram que os pais também ensinam, considerando assim por eles estes contextos importantes para a vida social no presente e no futuro. Estas respostas foram expostas em um questionário, entre outras perguntas selecionou-se esta: Questão: O que você faz quando se sente muito triste? A criança evangélica respondeu: “Quando fico triste vou orar para Deus me dar força”.

Poucas crianças relataram que a escola ensina estas “coisas boas”, pois na escola eles fazem contas, pintam, escrevem, leem e aprendem assuntos que na igreja não se trata; “na escola tem professor e na igreja tem pastor”. Porém uma delas disse (criança evangélica): “as vezes é parecido por que na igreja também pintamos e respondemos perguntas, fazemos atividades”. Observou-se que as crianças que identificaram a escola como lugar para aprender valores morais e atitudes de convivência (ver nota 1), juntamente ou não com a igreja e a família, foram as crianças que se identificaram como católicas, as que não identificaram a religião que participa e a criança mórmon.

Durante estas semanas, em um momento em que o conteúdo abordado não tinha relação com religião, uma criança comentou que iria ser batizada. Este relato gerou várias perguntas como: “você já é grande e não foi batizada?”, e ela colocou: “não, porque meu pais disseram que só agora era a hora”. Então perguntei a ela, qual era sua igreja, e ela afirmou que era católica, e assim mais uma vez a turma conversou sobre suas igrejas e o rito do batizado, que os envolveu e seus familiares, contando como aconteceu o ritual, a roupa que usaram e quem estava neste momento. Mostraram alegria ao contar, como uma grande festa que uniu pessoas que gostam, ressaltando após o interesse da professora, que ser batizado é importante pois agora eram abençoados por Deus (aqui diferentes modos de se expressar foram colocados, mas no sentido geral foi essa a palavra mais utilizada).

Na 5º semana desde que este projeto foi iniciado, uma criança levou para casa um livro de Trovas. Em outro momento na atividade do Sarau em que as crianças tem o momento de contar, declamar e expressar diferentes gêneros textuais, a criança chamou a professora em particular e disse: “Professora, posso dizer uma trova que decorei do livro, porque ela me emocionou muito!”, ao ser questionada sobre o motivo, ela disse: “ veja, tem amor, Deus, oração e coração”; e assim declamou aos colegas fechando os olhos e representando com as mãos. As crianças procuram expressar emoções ao falarem de Deus, se reportando à divindade como protetor, que as cuida e que assim por Ele demonstram sentimentos amorosos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Questões sobre como os seres sagrados são quanto sua forma, cor e função também foi levantado pelas crianças ao observarem a diversidade das culturas apresentadas nos contos. Uma destas situações foi diante do conto O fogo de Deus, que é um conto africano, argumentou-se como imaginaram Deus na história, e em relação ao seu aspecto físico foi muito relacionado à imagem de Jesus que observam em quadros nos espaços religiosos e em uma novela televisiva: branco, com barba branca, cabelos compridos brancos, apenas uma criança o relatou de cabelos pretos e curtos e barba curta. Relembrou que Deus no filme o auto da compadecida não era como a maioria tinha falado, e assim a professora apresentou a imagem no livro, em que a mão de Deus se apresenta negra, e apresentaram espanto, uma delas ressaltou: “ Mas na realidade Deus é branco”, uma outra criança no intuito de acabar com a dúvida da turma disse: “vou perguntar ao meu tio se Deus é branco ou negro”.

Na figura abaixo, uma das crianças, negra e católica, registrou o significado que atribui a Deus e realizou um desenho sobre a história o Fogo de Deus, desenhando-o negro como na história. Outras crianças negras e brancas não fizeram o mesmo.



Aqui também se observa a reflexão sobre as questões raciais, e o modo que a igreja e imagens em que as crianças mantém contato, são geralmente apresentadas durante séculos da mesma forma: a partir da europeização das imagens, da branquitude da maioria dos personagens sagrados. Durante os diálogos foi perguntado se as crianças conheciam alguma religião diferente da delas, e todas não expressaram nenhuma relação com religiões de matriz africana, ou outras religiões cristãs, relatando reconhecer apenas os evangélicos e os católicos, relacionando às igrejas que identificam no espaço urbano que convivem.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Porém certo dia uma senhora da Igreja Assembléia de Deus, vizinha à escola, fez uma visita às salas de aula com o consentimento da direção (reconhecidas por suas religiões católica e evangélica), nesta turma conversou e entregou panfletos em que relatava a importância da oração para que tenham uma vida abençoada e protegida por Deus, “livre de sofrimentos”, ação que as crianças indicaram como evangelização. Após sua saída foi questionada sua visita às crianças, e por muitos assim foi respondido: “muito bom, é importante saber da palavra de Deus”.

Em seguida perguntou-se: “caso outra pessoa de outra religião viesse à sala falando de sua religião o que achariam? ”, imediatamente aqueles que se posicionaram como evangélicos, recusaram a ideia, e sendo questionados sobre o porquê, eles disseram que “não é certo, pois tipo os católicos acreditam em imagens” e assim perguntou-se novamente: “existe alguma religião errada?” Então a criança mórmon disse: “não é errado mas acho que é diferente, vi em uma igreja evangélica que fizeram uma roda e começaram a pular, fiquei com muito medo!”, outra colega riu e disse: “É que quando o Espírito Santo entra no corpo a pessoa treme e pula, mas é normal, já aconteceu comigo!”. Neste instante outra criança (evangélica) relatou com muita timidez e receio, ter ido na “macumba” perto da escola, e que viu as pessoas com roupas enormes em uma roda batendo tambor e cantando, tinham até crianças” contando os detalhes que viu. Neste momento houve a interferência apresentando o nome das religiões de matriz africana mais comumente conhecidas (Candomblé e Umbanda), contou-se a história sobre a macumba, como instrumento musical e toda a questão histórica, apresentaram-se imagens e fez-se referências ao conto africano Aguemon já por eles conhecido, o que gerou muita curiosidade e interesse.

Frente ao livro didático de história, a leitura do texto relacionada à colonização no Brasil e o trabalho catequizador dos Jesuítas, observaram a questão da imposição da religião dos colonizadores. Uma das crianças disse: “Eu não aceitava, por que cada uma acredita no que quiser!”; neste momento a professora mediu apontando um trecho em que relata a resistência do povo indígena, e refletiram sobre as imagens que não ilustravam o ritual indígena apenas a catequização, ainda se preserva nos livros didáticos apenas as expressões das religiões cristãs. Na história O segredo da Chuva baseado na religiosidade indígena, as crianças interessaram-se pelas imagens do livro que representavam os rituais, diferentemente do livro didático, e mostraram curiosidade frente aos Seres Alados (espíritos da floresta), poucos questionaram sua existência, e mesmo os que se definiram como evangélicos, relacionaram os Seres Alados com fantasmas e anjos, sendo os primeiros espíritos maus e os anjos, espíritos bons. Alguns questionamentos em torno do que significa espíritos, almas e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

anjos e sua relação com as pessoas foram levantados, mas em sua grande maioria relacionaram à proteção, e a seres que já existiram em vida e morreram. Em algumas falas, principalmente nas conversas informais, as crianças exclamaram a ajuda dos anjos para realizarem seus desejos, principalmente materiais.

Em relação ao contexto religioso da escola, não se apresentando laica efetivamente em sua prática, durante a oração coletiva que é realizada toda quarta – feira por uma professora evangélica, algumas crianças mostram o comportamento orientado pelos adultos a sua volta: cabeça baixa, olhos fechados, repetindo a oração, algumas mostram pouca atenção. Ao retornarem para sala, a professora perguntou sobre o momento de oração na quadra, como compreendem aquele momento, se gostam, o que sentem e quais os motivos na visão deles, os adultos da escola desenvolvem aquele momento.

As crianças colocaram que para começar o dia bem, fazemos uma oração, antes de comer também, pois “muitas pessoas não têm o que comer”, por isso deve-se agradecer e pedir proteção através da oração. Três crianças falaram que se distraem durante a oração pensando em outra coisa, relatando que isto também acontece em outros locais, mas uma delas ressaltou que ao fazer a oração sozinha no quarto, não se distrai. Observaram que a professora que realiza a oração é evangélica, e ao serem questionados sobre o porquê, relataram que reconhecem a oração e a roupa, pois evangélicos vestem saias, e que ela canta canções de louvor com seus alunos na sala, identificando características sociais das mulheres adultas pertencentes ao grupo evangélico.

Diferentes expressões acontecem no contexto desta escola por parte dos adultos, como cartazes com salmos pelas portas e paredes, uma frase religiosa ao final de uma avaliação bimestral também é observada em algumas turmas, orações antes de iniciar diariamente a aula como forma de benção para os trabalhos do dia que estar por iniciar. Essas são algumas das observações que faço como professora no contexto em que atuo, refletindo sobre a postura religiosa da escola em geral que de diversas formas expressa sua religiosidade como também forma de ensinamento valioso e moral, em que as crianças não só interagem com esse contexto, mas também o constrói, reflete e questiona mesmo que internamente, e na maioria das vezes de forma despercebida pelos adultos, já que geralmente não há diálogos sobre o assunto.

CONCLUSÃO



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

De acordo com Pires (2010) os adultos consideram o espaço religioso e a relação com o sagrado como um contexto de aprendizagens, e é na fase dos 9 anos que as crianças começam a apresentar uma identidade religiosa mais próxima das concepções da fase adulta, segundo a autora. Partindo das análises e descrições realizadas até o momento, as redes sociais igreja e escola se apresentam em uma relação social e educacional integrada no contexto escolar, pelo adulto e pela criança, em que se diferenciam principalmente pela ação, o adulto professor (a) educador (a) como um trabalho pedagógico moral e muitas vezes protetivo por intermédio da sua fé, e pela criança como um modo de ser e estar em sociedade. O adulto no contexto escolar expressa sua religiosidade como um trabalho educativo que envolve muito as questões morais e éticas, porém as crianças ao expressarem sua religiosidade, seu espaço religioso frequentado e como a família as encaminham neste contexto, é definido por elas como uma forma essencial para que cresçam dentro de princípios e ensinamentos de bondade e boa conduta, além de serem protegidos do mal através das bênção e livramentos que a fé lhes proporcionam.

A religiosidade foi expressada e assim percebida dentro de uma perspectiva de aprendizagens, percebendo-se que o conhecimento formal se entrelaça com os conhecimentos não-formais, e a possibilidade de suas expressões, a sala de aula se mostrou um contexto intercultural e democrático. É fato que a diversidade não é visibilizada por muitos adultos professores, educadores e pais, dentro da escola a visão adultocêntrica é efetivada na maioria das práticas, daí então o respeito a laicidade toma força e importância. Porém dentro de toda multiculturalidade que a escola concentra, as religiões são identidades que se expressam e procuram ser visibilizadas, pois cada indivíduo busca o reconhecimento e o respeito em sua totalidade dentro dos espaços coletivos que participa. Aqui questiona-se se a laicidade é possível a partir dos sujeitos envolvidos no contexto escolar, já que demonstram que religiosidade faz parte integrante do seu modo de viver e atuar nos espaços e nas relações sociais, mesmo as crianças expressam suas subjetividades religiosas, algumas mais seguras outras mais reflexivas ao se depararem com as teorias históricas e científicas, mas apresentam sim a religiosidade vivenciada na sua igreja e na sua família.

Entre Tupã, deuses, Deus, Jesus, seres encantados e Orixás, este processo se mostrou significativo pois as crianças demonstraram que o processo de aprender faz parte da ação promovida por estas redes sociais que participam (família, escola e igreja), apesar de separá-las em relação aos objetivos educacionais, são atuantes na produção de significados, os quais são relacionados com o conteúdo formal, com os valores morais e regras de convivência que são tão presentes nestes contextos. Reflete-se então a respeito de um devir a ser inventado e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

construído coletivamente, no qual diante da diversidade de conhecimentos, emoções e leituras de mundo estruturadas pelas redes sociais e os sujeitos (adultos e crianças) também estruturadores destas, possam ser desenvolvidas e repensadas as práticas pedagógicas que reconheça a criança não só como um estudante a ser ensinado, mas como sujeito ativo e criativo frente as suas subjetividades, memórias e significações.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/constituicao/ConstituicaoCompilado>. Acesso em 04/07/2016.

CANDAU, V.M. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. Educ. Soc., Campinas, v. 33 n. 18, pg. 235 – 250, jan-mar. 2102. Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em 25/04/2016.

CUNHA, L. A. **O Sistema Nacional de Educação e o ensino religioso nas escolas públicas**. Educação & Sociedade, vol. 34, núm. 124, 2013, pp. 925-941. Centro de Estudos Educação e Sociedade Campinas, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87328534014>. Acesso em 19/04/16

CUNHA, C. **Aguemon**. 1ª edição. São Paulo : Martins Fontes, 2005.

DELGADO, A.C.C.; MULLER, F. **Infâncias, tempos e espaços: um diálogo com Manuel Jacinto Sarmiento**. Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, pp.15-24, 2006.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GÖBEL, A. **O maluco do céu**. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009.

GOMES, L.; GOMES, C.; ARLENE, H. Nina África. **Contos de uma África menina para ninar gente de todas as idades**. 1ª ed. São Paulo: Elementar, 2009.

MUNDURUKU, D. **O segredo da chuva**. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2004.

MUNDURUKU, D. **Karu Taru : O pequeno pajé**. 2.ed. Porto Alegre: EDELBRA, 2013.

PIRES, F. **Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre crianças e religião**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(1): 143-164, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v30n1/a08v30n1>. Acesso em 04/05/16

RANDON, M.A.M. **A origem do mundo**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

SOUSA, E. **Regra de três: uma análise comparativa entre distintas experiências com a infância.** 2012. 36º encontro anual da anpocs. 21 a 25 de outubro de 2012 - Águas de Lindóia – SP. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/>. Acesso em 20/05/2016